

No. 146
ANO 20
JUL-SET/2010
F.A.R.J.



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

farj@riseup.net - <http://www.farj.org> - Cx. Postal 14576 - CEP 22410-971 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Vocês estão sendo enganados, bons eleitores, vocês estão sendo ludibriados, eles os bajulam quando dizem que vocês são a justiça, o direito, a soberania nacional, o povo-rei, homens livres. Colhem seus votos e é tudo. Vocês não são mais do que frutas...bananas.

Zo d'Axa. "Aos eleitores". 3 de maio de 1898.¹

Mais um ano eleitoral chegou. E, mais uma vez, lá estão os políticos. Nas ruas, nos jornais, nos onipresentes "santinhos" ou na tela da televisão: prometem transformações, vomitam *slogans* ridículos, dizem que "agora vai ser diferente". No entanto, passam as eleições e as coisas não mudam profundamente.

Escândalos de corrupção, elevados níveis de violência, precário sistema público de saúde, falência da educação, repressão aos anseios camponeses por reforma agrária, criminalização de movimentos sociais populares. Mazelas e misérias historicamente construídas pelo modo capitalista de viver e de organizar a sociedade.

Se há mudanças mínimas, liberdades duramente conquistadas e relativos alargamentos na "área da cela" na qual sobrevivemos (como diria o anarquista Noam Chomsky) elas foram fruto da pressão de movimentos organizados, do clamor das ruas. Movimentos que não se contentaram em ser guiados pela pauta das casas legislativas.

Ainda que, a partir do século XVIII, a burguesia tenha se voltado contra o absolutismo do Antigo Regime – em nome de "liberdade, igualdade e fraternidade" – a noção de soberania popular foi se relativizando (e se enfraquecendo) na medida em que o poder burguês foi consolidado. Uma vez no comando, a burguesia não hesitou em limitar a participação popular a um mínimo, utilizando-se de ferramentas tanto de repressão quanto de convencimento. E, com muito custo, foi absorvendo em seu favor alguns dos anseios das massas – sufrágio universal, participação da mulher, voto secreto, etc.

Atualmente, os elementos persuasivos são largamente utilizados por um eficiente aparato de propaganda. O *slogan* governamental decreta: "O destino do eleitor está em suas próprias mãos". Assim, o discurso

VOTO OU AÇÃO DIRETA: LIBERDADE DA LEI ÁUREA OU DE PALMARES?



oficial identifica o ato de votar (ou apertar botões, em sua versão mais moderna) como o momento máximo de "cidadania". Não se discutem evidentemente, os limites desse modelo ou as formas de aumentar a participação de todos em seus destinos, de modo efetivo. A eleição acaba sempre sendo um bom negócio para as elites. Uma das maiores armas das oligarquias é justamente a desmobilização – que se amplifica ciclicamente no ritual das urnas. A direita só clama por mobilização popular quando se organiza com vistas ao retorno da "ordem" ou ao fascismo. Mas o fascismo torna-se necessário apenas quando as ameaças parecem transbordar as urnas, e as ameaças às estruturas do sistema só ocorrem com muita mobilização e organização popular.

A pseudodemocracia vigente adormece a possibilidade de esclarecimento, de conscientização, de organização e de ação política em seu sentido mais incisivo: o de atuar na *pólis*, na cidade, no bairro, no cotidiano, a partir de organismos autônomos, horizontais, assembleias, associações de bairro, conselhos de operários – ou quaisquer outras definições do que, na essência, significa *democracia direta*.

Os anarquistas sempre estiveram atentos frente às estratégias mistificadoras da democracia burguesa. Buscando fugir da ação política institucionalizada – como diria Jaime Cubero, essa grande "arma burguesa de retardamento" da **democracia direta** – a proposta anarquista caminha no sentido de estimular a autonomia, o protagonismo dos cidadãos, a política feita de forma direta; distinguem-se assim de outros setores da esquerda que apostam em vias eleitorais.

A participação nas eleições pelos partidos políticos de esquerda nos mostra a problemática de usar meios inadequados para alcançar certos fins. Há os que querem usar as eleições "apenas como propaganda", como se fosse possível competir com o aparelho burguês por seus próprios mecanismos, sem caricaturar ou ridicularizar as propostas socialistas em rede nacional!

Outros dão ênfase apenas à questão **tática** da eleição, argumentando que seria perfeitamente possível aliar a luta parlamentar às estratégias de massas² – a dos movimentos sociais. No entanto, percebe-se que essa ação "inofensivamente" tática vai se tornando paulatinamente "estratégica", fazendo que estes grupos progressivamente deformem o projeto original³ que defendiam. Estes vão ajustando lentamente seus projetos aos meandros da democracia burguesa, dos gabinetes, das condições legais, eficazes em anular projetos radicais.

Não se trata de uma questão substancialmente "moral" ou de "traição" – ainda que a imoralidade e a mentira possam também fazer parte de todo o processo. Estamos falando de um tipo de dinâmica que é própria da ação parlamentar: a **ação institucional** vai solapando a **ação de massas**. O que era um projeto "periférico" ganha cada vez mais contornos de

"A melhor forma de votar é arrancar as pedras da calçada e lançá-las nas cabeças dos políticos."

Pichação nas ruas de Paris, 2006.

“centro”. Nas novas *periferias* geradas no processo, ficarão os movimentos sociais que esses partidos hegemônicos ou influenciam (as suas “bases de apoio”).

Os parlamentares e mandatos “combativos” destes partidos de esquerda – já encastelados como *centros*, ou seja, poderosos **aglutinadores de recursos financeiros e políticos** – impõem assim o ritmo das lutas **de fora para dentro** dos movimentos. O resultado é o pior possível: movimentos que ficam subordinados aos limites da legalidade burguesa ou às figuras carismáticas – a forma mais irracional⁴ de subordinação política. A elite sabe que, se um candidato “radical” se candidata para contestar estas estruturas, é possível aplicar a mais antiga das fórmulas democrático-burguesas: **caso se candidate que JAMAIS se eleja; caso se eleja, garanta que não governe; e caso governe... derrube-o!**

Nestas eleições, portanto, tanto faz votar nulo, no “menos pior” ou não ir votar. O voto útil “contra a direita”⁵ e a política cínica (ou ingênua) do “melhorismo” ignoram que os exploradores já têm seus postos garantidos na estrutura de poder independente do resultado das eleições: estão representados no BNDES, nos projetos das empreiteiras, nos monopólios de comunicação, nas estruturas verticais de trabalho e de organização e no extermínio da juventude pobre e negra pela polícia.

Um governo “mais à direita” pode reprimir mais os movimentos sociais é verdade. Um “mais à esquerda”, pode ao invés de reprimi-los, comprar ou cooptar os movimentos. Contudo, os prejuízos de ambas as políticas são **igualmente** terríveis, se a primeira ataca mais os direitos dos trabalhadores, a segunda os desarma completamente para defendê-los. Os governos evidentemente mudam, e enquanto houver capitalis-

mo, todos sabem que isso não é nenhuma novidade.

Deveríamos nos perguntar, não as condições que desejamos para construir nossas lutas, mas sim, **como podemos impor nossas pautas – a dos movimentos sociais –, aos carneiros, sejam eles de direita ou de esquerda?** Que tática e princípios nos servimos para enfrentar a repressão ou a cooptação?

Decerto não os removeremos destes postos sem um intenso e árduo trabalho de organização popular que possua fins revolucionários. Para isso, é necessário criar, fomentar e desenvolver a autonomia da classe em seus próprios organismos; fortalecermos um movimento de movimentos; criarmos um povo forte. Um povo que não dependa de líderes, messias ou candidatos a super-heróis.

É somente pela base que construímos experiências concretas de organização popular e assentamos as experiências de poder popular. Com a massificação dos organismos populares e a generalização da democracia direta, poderemos um dia ameaçar a ordem vigente e construir, nos mecanismos que levam à sua ruptura, uma nova experiência político-social. Assim fizeram os *comunnards* da Comuna de Paris em 1871; os trabalhadores espanhóis em 1936; os operários e camponeses russos em 1905 e 1917. Assim fazem os zapatistas, e assim fez o povo de Oaxaca em 2006, que, com suas assembleias populares, expulsou o governo e a polícia da cidade e se autogeriu politicamente, dando vida à *Comuna de Oaxaca*.

Aqui vamos tentando, experimentando e caminhando; mas tendo a certeza de que os caminhos da emancipação popular definitivamente não passam pelas urnas. Se passassem – parafraseando um velho ditado

libertário – as eleições seriam obviamente proibidas.

Outra Campanha: nossas urgências não caem nas urnas!

A *Outra Campanha* – inspirada no exemplo de ação autônoma dos zapatistas mexicanos – busca construir uma nova forma de fazer política, com base no protagonismo e na luta popular. Em vez de pedir o voto, incita a organização autônoma, a formação de coletivos, a vontade de interferir no próprio destino. No lugar de “santinhos” e *slogans*, quer: “autogestão, cooperativismo, ajuda mútua, ação direta, ocupações, mobilizações, socialismo libertário, gestão não-hierárquica, democracia direta, organização em grupos locais e coletivos em federações, e reforma agrária coordenada pelos próprios camponeses”. No Brasil, a *Outra Campanha* está sendo organizada por vários grupos e conta com adesões nos estados do Alagoas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, etc. Saiba mais sobre a *Outra Campanha* no site:

<http://outracampanhabrasil.blogspot.com>

Notas:

1 *Apud*:VVAA. *Os anarquistas e as eleições*. São Paulo: Imaginário, 2000.

2 O que leva a deformações como assistir a partidos de esquerda falarem, em rede nacional, de “democracia direta”.

3 Foi assim com o PT e com a maioria dos partidos verdes da Europa, que, partindo de projetos gestados no interior dos movimentos sociais, tornaram-se apenas geradores de quadros da nova burocracia.

4 Ou diríamos “a infantilização da política”? Uma projeção da forma familiar paternalista-burguesa ao nível político?

5 Cf. COUTO, Evandro. *Como Votam os Anarquistas?* In *Socialismo Libertário* nº 18.



Uma erupção de Américas subterrâneas: a Revolução Mexicana de 1910

Entre as revoluções que contribuíram para tornar o século XX um período de intensas lutas políticas e sociais, a Revolução Mexicana não fica entre as menores. Ela completa cem anos este ano, e gostaríamos de, lembrando-a, apontar alguns aspectos que, tal como em outros tempos através desses cem anos, podem servir como pontos de partida para reflexões úteis.

O termo “revolução” tem sido muitíssimo utilizado para designar praticamente todo tipo de luta política e social, inclusive as de menor relevância. A história do Brasil, nesse sentido, está repleta de “revoluções”, assim crismadas pelos historiadores e publicistas: “Revolução Farroupilha”, “Revolução de 1817”, “Revolução de 1930”, “Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo”, e por aí vai. No entanto, se tentássemos avaliar quão intenso é o caráter “revolucionário” de um determinado evento, poderíamos utilizar como critérios: a medida em que este consegue atingir com força o conjunto da sociedade na qual aconteceu, re-

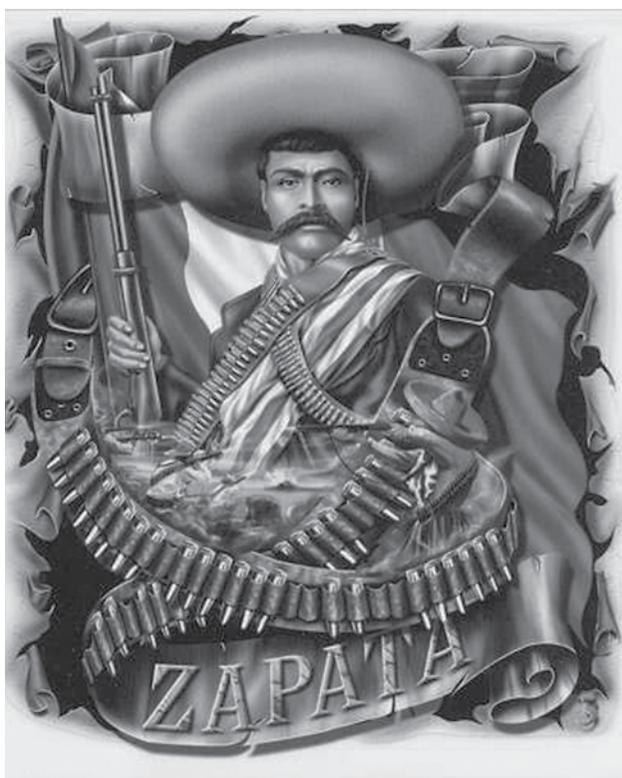
volvendo suas estruturas, e a influência que este exerce sobre a atividade política e social pelos tempos afora, até em outras sociedades. Por exemplo, trabalhos desenvolvidos pelos historiadores têm mostrado com bastante solidez a grande influência da “Revolução Russa” de 1917, como estímulo e modelo de ação para os militantes de esquerda brasileiros. No entanto, antes que essa revolução, eclodindo no Velho Mundo, em plena Primeira Guerra Mundial, magnetizasse as atenções, outro processo de luta revolucionária ocorria, cá mesmo na América. Era a grande convulsão política e social que se desenrolou nos anos 1910 no México. Fatores novos e poderosos deram amplitude ao movimento: o avanço das relações capitalistas no país, impulsionado pela modernização da infraestrutura e pelo crescimento da indústria e dos serviços. Tais fatores deram maior presença na vida nacional aos setores burgueses e ao operariado, sendo que uma parte deste foi atraída para a militância em diversas vertentes do socialismo, inclusive o anarquismo.

À época, a república do México era governada pelo ditador Porfirio Díaz, chamado “O Presidente Perpétuo” por causa da sua permanência de décadas no poder, vencendo eleições fraudadas e controlando com mão de ferro todas as instâncias do governo. O descontentamento da oposição a esse estilo de governo acabou por articular, no início da década de 1910, uma tentativa armada de derrubar o velho presidente. Tal rebelião eclodiu no começo sob a forma de uma luta de fundo político-institucional (por eleições livres e “limpas”, por observância de princípios liberais de representação político-partidária etc.), dentro das modalidades de luta política usuais nas repúblicas oligárquicas latino-americanas, até mesmo no que tange à luta armada. Seu principal líder, Francisco Madero, conseguiu expulsar Díaz do poder e assumir a presidência. Contudo, as hesitações de Madero em ampliar a conquista, atendendo aos interesses das classes menos favorecidas e prosseguindo no desmonte do Estado porfirista, corrupto, reacionário e repressor,

permitiram sua própria queda. Um golpe de Estado, chefiado por Victoriano Huerta, antigo general porfirista, levou a uma luta mais acirrada pelo poder no México. A oposição tradicional, que se mobilizou contra o golpe, o fez em nome do respeito à Constituição e aos direitos de inspiração liberal. Porém, outros elementos de luta vinham à tona: as reivindicações dos camponeses, operários e indigentes do campo e da cidade. Principalmente no campo, a luta social se ampliou: o problema camponês do acesso à terra e o da exploração sufocante por parte dos “hacendados” (grandes fazendeiros) fez com que a população rural se envolvesse ativamente nas batalhas da revolução. Esta representava a oportunidade de reverter a injusta divisão da terra que concentrava cada vez mais a propriedade nas mãos de pouquíssimos latifundiários e empresas, e de obter direitos para o proletariado rural e os pequenos proprietários, que viviam oprimidos pelas dívidas, pelo excesso de trabalho e pela violência dos grandes senhores e da polícia rural a serviço do Estado.

A radicalização da revolução permitiu que este velhíssimo problema do camponês se configurasse em programas políticos e gritos de guerra, ainda mais que a modernização capitalista no México retirava a pouca terra ainda de posse do campesinato, num ritmo bem mais acelerado. No meio de tudo isso, os grupos indígenas que tradicionalmente mantinham, a duras penas, suas terras comunais, viam-se cada vez mais premidos pelas manobras de expropriação desenvolvidas pelo Estado, pelos “hacendados” e por empresas, muitas delas estrangeiras, como as norte-americanas. Temos, assim, dentro de um problema camponês, uma questão indígena na Revolução Mexicana. Neste ponto, a exploração capitalista e a política repressiva do Estado eram vistas, por estas comunidades de origem pré-colombiana, como continuidade histórica da violência da conquista espanhola no México. A colocação na ordem do dia dessas problemáticas básicas infundiu um caráter incendiário à revolução, e que a fez/faz destacar-se entre os grandes conflitos ocorridos na América Latina e no mundo.

Entre os diversos movimentos camponeses agindo na revolução, destacaram-se dois: um ao norte do país, sob a chefia de Pancho Villa, e outro ao sul, marcadamente indígena, cujo líder mais importante foi Emiliano Zapata. Embora ambos os movimentos fossem oriundos da mesma classe social, o campesinato, eles não tiveram sucesso na tentativa de se articularem na luta por “terra e liberdade” (lema caro aos zapatistas). Entre as razões apresentadas pelos pesquisadores para a não-consolidação de uma aliança, que talvez tivesse dado uma sobrevida mais vigorosa ao conjunto do movimento camponês nessa luta revolucionária, estariam as diferenças de ambiência social entre o Norte (de camponeses mais individualistas) e as comunidades indígenas do Sul (mais coletivistas). De qualquer forma, até por força das conjunturas do país, os zapatistas privilegiaram a estratégia de limitar o mais possível sua ação ao estado de Morelos, com o fito de consolidarem ali a conquista e a distribuição das terras entre o povo. Não puderam assim desfrutar da aliança com o poderoso exército villis-



ta, o qual, no decorrer das peripécias da guerra, acabou por sua vez encontrando o desgaste e a derrota militar. Também o movimento camponês como um todo não pôde contar com uma aliança com os trabalhadores urbanos. Disto também se ressentiram os militantes de tendência anarquista, como o foi o intelectual Ricardo Flores Magon e seus correligionários. Os magonistas apoiaram e lutaram em prol dos interesses das classes desfavorecidas no decorrer da revolução, e as grandes reivindicações dos camponeses faziam parte de seu próprio programa para o México. Contudo, outra força potencialmente radical, os operários organizados, acabou em boa parte sendo cooptada e dirigida pelos líderes revolucionários moderados, constitucionalistas e burgueses. Na nova configuração política mexicana, que emergiu ao final da guerra revolucionária, estabeleceu-se um Estado burocrático e repressor, que inclusive assumiu oficialmente – e com exclusividade - o papel de portador da “revolução” e de suas conquistas. No bojo disso, instalou-se o virtual governo de um partido único, o PRI, praticamente reproduzindo nas urnas o fenômeno do continuísmo de Don Porfirio em eleições perpetuamente fraudadas.

No entanto, a eficiência burocrática desse novo Estado não pôde abafar contradições e problemas históricos da sociedade – como não poderia deixar de ser. Hoje, as manifestações da insatisfação camponesa e indígena nos estados de Chiapas, Oaxaca e Morelos testemunham a permanência das disparidades sociais e econômicas que impulsionaram o processo revolucionário no início do século passado. Além disso, evidencia-se que, para além de críticos e simplesmente reclamantes, os movimentos criados por esta insatisfação trazem propostas e perspectivas originais e enraizadas na realidade concreta das populações. Estas propostas e formas de encarar a vida social e política manifestaram-se no desenrolar da revolução mexicana, nas falas e nas providências que os movimentos populares da época tomaram para começar a construção de uma nova sociedade, livre das opressões

do Estado, das classes dominantes e do imperialismo estrangeiro. Muitas dessas propostas, dessas perspectivas partiram dos meios culturais indígenas, estranhos ao modo de ver “ocidental”. Partiram também do dia-a-dia coletivo do camponês mexicano, sem as peias das contingências teóricas e organizacionais da direita e da esquerda autoritária. Daí, revelam-se até hoje ricas em lições, que podem contribuir na busca da liberdade e da dignidade do povo, não só do México, mas de outros lugares. O próprio anarquismo tenta dialogar e trocar experiências com estas lições, tal como já o fez durante a Revolução Mexicana, através do magonismo, e ainda o faz. Que propostas, que perspectivas são essas? A memória e a análise da Revolução Mexicana de 1910 fornecem uma excelente ocasião para conhecer tais propostas e perspectivas. Que viva México! Arriba a los que luchan!

Sérgio Mesquita



Faisca Publicações Libertárias
vendasfaisca@riseup.net
www.editorafaisca.net

Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, jornais, fanzines e DVDs

Rua Torres Homem 790, Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

Caralâmpio
Rudesindo
Khaled
Rum
Cave-Negro
Cauã
Tutameia
Fontes
Katonigra
CALC
Carioni

Emá e Seu Antenor
Duarte da Paz
Durden Poulain

Apoie você também!
farj@riseup.net

Tiragem: 3.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Caem as Cercas do Latifúndio Acadêmico

Meu conturbado espírito inflama de alegria com a visão de um futuro em que nenhum homem diz “tenho fome”, em que não haja ninguém que diga “não sei ler” e que na terra não se ouça mais o ranger das correntes e parafusos.

Ricardo Flores Magón

No dia 20 de setembro deste ano, movimentos camponeses do estado do Rio romperam mais uma cerca de exclusão à população pobre: o acesso à educação acadêmica pública, gratuita e de qualidade.

Após anos de muita luta, MST, FETAG, CPT e Fórum de Comunidades Tradicionais aprovaram junto ao MEC o primeiro Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que possui o objetivo principal de graduar em 3 anos, assentados de reforma agrária, pescadores, quilombolas, indígenas e caiçaras de maneira a possibilitar o trabalho como futuros educadores em escolas das respectivas comunidades. Para tal, o processo educativo em que se baseia o curso foi amplamente construído pelos movimentos sociais, incluindo no conteúdo programático disciplinas e metodologias totalmente voltadas para suas principais demandas, já que a coordenação político pedagógica é composta pelos movimentos e a universidade.

A realidade camponesa no Brasil na atual era do agrogócio exportador sofre dia após dia com o total abandono dos governantes, vendidos às multinacionais instauradoras do latifúndio, agrotóxicos e transgênicos. Esta união nada recente entre Estado e burguesia tem gerado uma população rural cada vez mais excluída, um meio ambiente cada vez mais degradado e uma população consumidora cada vez mais doente por consumo dos agrovenenos. Sendo assim, a resistência e a luta combativa se mostram cada vez mais urgentes na construção de um povo que organizado se torna forte, soberano e autônomo. A formação intelectual é parte importante deste processo pois liberta da profunda dominação ideológica que nos cerca quando se encontra sob gestão direta do povo e não como propriedade dos mesmos que roubam e destroem terras e vidas.

Importante salientar que estes movimentos possuem também suas próprias escolas de formação totalmente autônomas e que o fato de pressionar o Estado para que cumpra o mínimo de suas funções básicas não significa de forma alguma que os movimentos es-

tejam abrindo mão de construir independentemente suas lutas na construção de um processo pedagógico popular.

Na solenidade de abertura do curso foram lembradas as ações pedagógicas anarquistas de formação de trabalhadores pelos próprios trabalhadores como a Universidade Popular de 1904 no Rio de Janeiro e as Escolas Modernas de São Paulo, louvando assim, a forte contribuição histórica da pedagogia libertária no âmbito da emancipação da classe trabalhadora cuja influência nunca há de esfriar pois é chama que se alimenta com novas lutas ombro a ombro.



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Colóquio abordará Reclus e Kropotkin: Nos dias 26 e 27 de outubro será realizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza da UFRJ (Avenida Athos da Silveira Ramos, 274 – Cidade Universitária – Ilha do Fundão) o Primeiro Colóquio Território Autônomo Um Olhar Libertário sobre Práticas Espaciais, Políticas, Econômicas e Culturais. Organizado pelo Núcleo de Pesquisa sobre Desenvolvimento Sócio Espacial daquela Universidade, o evento visa a fornecer uma panorâmica do pensamento libertário, reunindo com esta finalidade, cientistas sociais e ativistas. No Espaço de Debate que se realizará no dia 26 de outubro, o Núcleo de Pesquisa Marques da Costa deverá participar, através de Milton Lopes, jornalista, pesquisador do movimento anarquista e integrante da FARJ.

Chico Cuberos: Morreu no dia 20 de agosto, aos 86 anos (18/02/1924), o ator e anarquista Francisco Cuberos Neto. Militante anarquista desde a mocidade, juntamente com seu irmão, o inesquecível Jaime Cubero, atuou durante décadas no Centro de Cultura Social (CCS) e, nos anos 1960, juntamente com Pedro Catalo, dirigiu o “Laboratório de Ensaio”, que produziu muitas peças teatrais de fundo libertário. Ator com extensa carreira no teatro e televisão, Cuberos Neto começou profissionalmente no Teatro Brasileiro de Comédia, trabalhando ao lado de grandes diretores, como Flávio Rangel e Ademar Guerra, tendo também participado de filmes e novelas na extinta TV Tupi.

Chico também participou intensamente da *Sociedade Amigos de Nossa Chácara*, que mantinha a chácara dos anarquistas nos arredores da cidade de São Paulo, e que foi um local de extrema importância para o anarquismo brasileiro durante a ditadura militar. A FARJ se une a dor de sua companheira e filhos. “*Para mim, ator e anarquista, a maior gratificação, a grande recompensa de cada instante de minha existência é o júbilo que a busca permanente das possibilidades humanas proporciona. A limpeza da alma na busca da superação, transmitindo o otimismo de um peregrino do ideal, de um militante da alegria, contente de viver, de estar no meio da procela, porque ainda há muito amor entre os homens.*”



Chico Cuberos no Nosso Sítio (SP), final dos anos 1980.

Fraternidade Internacionalista: No mês de junho um militante da FARJ em visita à Montreal/Canadá foi recebido por companheiros da *Union Communiste Libertaire* e da livraria anarquista *L'Insoumise*. Em agosto e em setembro militantes da FARJ visitaram Madrid/Espanha e foram recebidos pelos companheiros da livraria anarquista *La Malatesta*. A FARJ agradece e saúda estas organizações que levam adiante os princípios do anarquismo! Agradecemos também a generosidade dos companheiros estrangeiros que doaram livros que já compõem o acervo da Biblioteca Social Fábio Luz.

Greve Geral na Espanha e na França: Reformas trabalhistas empreendidas pelo governo Zapatero na Espanha motivaram uma grande greve geral na Espanha. As reformas visavam repassar como sempre, os custos da crise aos trabalhadores/as. Socializemos os prejuízos, mas não os lucros, assim funciona a racionalidade capitalista! Na França, outra reforma, esta da Previdência, feita pelo governo Sarkozy, levou milhões de trabalhadores/as à greve geral organizada pelos sindicatos. O governo reagiu às manifestações com a habitual repressão. Estudantes aderiram aos protestos e muitas escolas também pararam de funcionar. Exemplo de solidariedade de classe! Barricadas foram erguidas, piquetes e carros incendiados. As manifestações prometem não parar até que a reforma seja barrada definitivamente. Deixamos aqui registradas nossa solidariedade aos/às valentes manifestantes franceses/as e espanhóis/las! Todas estas reformas fazem parte do avanço do neo-liberalismo e da tentativa dos setores empresariais e políticos, em remover direitos históricos dos/as trabalhadores/as. Direitos que foram conquistados com muita luta, sangue e barricadas e não concedidos de graça pelos exploradores e dominadores.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: Organização Resistência Libertária - CE resistencialibertaria@riseup.net* Federação Anarquista de São Paulo www.anarquismosp.org * Fórum do Anarquismo Organizado www.vermelhoenegro.org * Federação Anarquista Gaúcha www.vermelhoenegro.org/fag * Rússia Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-Coletivo Anarquista Organizado de Joinville <http://pro-cao.blogspot.com> * Grupo de Estudos das Ideias e Práticas Anarquistas de Joinville <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * Vermelho e Negro - BA www.vermelhoenegrofao.wordpress.com * www.anarkismo.net * ÁFRICA DO SUL: Zabalaza Anarchist Communist Front www.zabalaza.net * ARGENTINA: Organización Socialista Libertaria www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CHILE: Organización Comunista Libertaria * Colectivo Agitación Libertaria <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com/> * COSTA RICA: Pró-Federação Anarquista Costarricense (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: Alianza Magonista Zapatista <http://espora.org/amz> * Colectivo Autônomo Magonista <http://espora.org/cama> * PERU: Unión Socialista Libertaria www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-Organización Socialista Libertaria * Federação Anarquista Uruguiaia www.nodo50.org/fau * Colectivo Socialista Libertário <http://periodicoroynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: North Eastern Federation of Anarchists Communists www.nefac.net * ITÁLIA: Federazione dei Comunisti Anarchici www.fdca.it * IRLANDA: Workers Solidarity Movement www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es